

Oliver Darch
8-6-1982
4

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
Centro de Estudos Africanos
OFICINA DE HISTÓRIA

ARTES PLÁSTICAS E MOVIMENTO NACIONALISTA

Contribuição para uma reflexão dos anos 50 - 60 em Moçambique

Resumo do tema para discussão

No presente trabalho procura-se analisar alguns aspectos da política colonial de despersonalização cultural, tendentes a perpetuar a dominação estrangeira em Moçambique, em particular durante as décadas 50-60, e como no movimento nacionalista emergente, que então se afirmou, surgiram debaixo da dominação colonial, vozes que manifestavam a sua resistência cultural no processo assimilador, nomeadamente ao nível da pintura e escultura.

Remontamos o nosso estudo ao final dos anos quarenta, para desde então procurarmos acompanhar em linhas gerais os condicionalismos políticos, económicos, sociais e ideológicos que provocaram a alteração do estatuto de artesão com o chibalo, transformando-o em especialista contratado coercivamente para trabalhar nos pátios da administração, missões e mesmo para colonos influentes.

Nos centros urbanos constatamos a emergência de um novo tipo de artesões entre o lumpen, que vive da venda de "artesanato indígena" para colonos, turistas e marinheiros dos portos. A dependência, tanto destes como dos anteriores, do mercado colonial, conduz desde então a uma alteração fundamental, em conteúdo e forma, em relação à produção artesanal integrada na comunidade tribal, onde se desenvolvia o sistema produtivo antecedente.

A necessidade de compreensão global do fenómeno à escala nacional, levou-nos a ter de fazer uma pequena reflexão sobre os aspectos económicos e sociais mais relevantes dos anos 50 em Moçambique, tendo sido obrigados, face à inexistência actual de uma caracterização económica e social da década de 50 em Moçambique, a apresentar alguns indicadores de conhecimento geral, aguardando que estudos mais aprofundados possam melhor caracterizar o período, fundamental na história recente de Moçambique.

No estudo da política de despersonalização cultural movida pelo regime colonial, tendente ao apertuguesamento servil de todos os moçambicanos, salientamos não só algumas das mais evidentes acções de destruição das bases materiais e espirituais dos padrões culturais dominantes anteriormente à ocupação estrangeira, bem como algumas das acções tendentes à assimilação do indígena.

Devido às características aglutinadoras do movimento social urbano, (reivindicações, greves, etc.), à sua composição social heterogénea, e à forma como a luta política se desenvolveu, Lourenço Marques transformou-se num centro irradiador das ideias nacionalistas, sendo portanto oportuno analisar, como aí a política de assimilação colonial procedeu de forma a sufocar os ideais independentistas. Ao nível da pintura constatamos a forma como alguns serviços são lançados com artistas pela mão dos mais altos dirigentes do poder colonial, aparecendo a expôr nos salões reservados aos artistas portugueses formados em escolas de Belas Artes.

Verificamos depois, como na abertura operada, com o acesso de indígenas a pintores, surge primeiro Malangatana a romper com os padrões artísticos aceites pelo colonizador, exprimindo nas suas telas uma visão moçambicana da realidade, manifestando uma ideologia imagética "africana", em oposição àquela que se pretendia inculcar nos moçambicanos, subordinando-os aos princípios estéticos ocidentais, que racistamente eram atribuídos aos pretos aporuguesados (ou em processo de aporuguesamento).

Referimo-nos também à forma como os artistas portugueses se organizaram em torno do "Núcleo de Arte", a luta anti-fascista desenvolvida no seu seio, e como esta instituição e os artistas que a frequentaram vieram a ter influência no desenvolvimento da actual pintura e escultura em Moçambique, bem como se ligaram a outras associações culturais e recreativas da colónia e que historicamente desenvolveram uma actividade política associativista, base do nacionalismo emergente.

Embora não seja nosso objectivo referir aspectos importantes da luta clandestina então desenvolvida, é necessário tê-la em consideração para analisarmos a forma como as manifestações anti-coloniais e de afirmação de uma personalidade cultural moçambicana se apresentaram ao nível da pintura, em particular, e como posteriormente o regime colonial tentou reabsorver tais manifestações artísticas, face à pressão da luta interna e internacional que se opunha à repressão cultural e física dos artistas que manifestavam os ideais nacionalistas.

O estudo da escultura em madeira que nos surge de Chachuvaio e Paulo Come a Chissano, mostra-nos por outro lado as linhas específicas da evolução desta manifestação artística, desde um nível de arte popular até à sua projecção nos salões de exposição, como arte que se afirma desde o início reiniciando directas raízes culturais africanas, embora tivesse de se libertar do sistema de produção de "Artesanato indígena" organizado pelo mercado colonial.

Ao focalizarmos neste período de emergência da actual pintura e escultura em Moçambique, estas linhas de desenvolvimento social, deixamos de lado muitos outros aspectos influentes também, mas fazê-mo-lo com o objectivo de iniciar um processo de estudo e reflexão mais sistemático, cobrindo dentro desta perspectiva todo o espaço nacional, um esforço em que pretendemos envolver os próprios artistas e artesãos que viveram, fizeram e fazem a história da pintura e escultura em Moçambique.

As considerações finais do nosso trabalho dizem respeito às concepções dominantes no Ocidente ao nível da crítica de arte africana, com base em artigos publicados na imprensa internacional a propósito das exposições de arte africana feitas na Europa, e, em particular de uma outra que de Moçambique foi a Amesterdão e Londres no ano passado.

Ao chamarmos a atenção para tais aspectos da acção imperialista no domínio cultural, é essencialmente com o objectivo de abrir um debate sobre as formas de actuação que devemos opor à manutenção dos valores imperialistas neste domínio.

Maputo, 26.5.82

PAULO SOARES